Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | *severinofrancisco.df@dabr.com.br*

Depressão e alegria

Fui resolver uma pendência administrativa na W3 Sul e, quando passava por uma loja, uma senhora atarracada olhou para mim de uma maneira estranha. Segui em frente, ela veio atrás e perguntou, com voz firme: "O senhor tem alguns segundos para eu te dizer uma coisa importante?" Tinha pressa, mas, por cortesia, respondi que sim. A senhora fechou os olhos, se concentrou como se fosse receber um santo e esperou alguns segundos, em suspense.

Depois da impressão dramática do silêncio, em tom bíblico, profético, inapelável e inescapável, me fulminou, escandindo quase sílaba por sílaba: "O senhor é pro-fun-da-men-te depressivo". Senti-me aterrado com a revelação; no entanto, na sequência, ela me disse algo que me ressuscitou: "Mas eu tenho uma boa notícia para o senhor: Jesus te ama".

Com os olhos radiantes do brilho alucinado dos profetas, ela me observava atenta, aguardando o efeito causado por suas palavras ameaçadoras.

Estava com pressa, um tanto agoniado para chegar ao trabalho, mas, mesmo assim, ainda tive tempo de comentar: "Olha, a senhora só acertou na parte de Jesus. Depressão é algo que passa longe de mim". Ela ficou um tanto decepcionada com a minha convicção antidepressiva e reduziu o tom apocalíptico, sem dar inteiramente o braço a torcer: "É, mas o senhor me parece um pouco aflito".

Saí voado para o trabalho. No entanto, gostaria de dizer-lhe algumas palavras. Minha senhora, fiquei muito honrado com a distinção que me conferiu, mas minha verdadeira vocação é a alegria. Entretanto, pensando bem, a senhora não se equivocou inteiramente em suas ponderações. Algumas coisas me deixam em cavo estado de depressão.

É o caso da decisão da proposta do PL da devastação, em plena escalada da emergência climática, que flexibiliza todo o aparato institucional de defesa do meio ambiente ao permitir que empresas concedam sua própria licença para atividades que geram riscos para todos nós. Claro, a flexibilização já deu certo em Mariana e Brumadinho, por quê não estendê-la a todo o meio ambiente?

Como sempre, eles se envergonham das decisões insanas e armam os conluios na calada da noite, sem permitir a menor chance do debate. Estão cegos para as catástrofes climáticas que nos ameaçam por todos os lados. É algo que atinge diretamente os territórios indígenas, que só permanecem preservados graças à resistência dos povos originários.

Dá profundo desalento constatar que os praticantes de atos suspeitos ainda se permitam o desplante de legislar em causa própria para continuar a fazer bandalheiras com o dinheiro dos nossos impostos. Esses são os que se apresentam como patriotas. É o pior Parlamento da história da República.

Fico angustiado de constatar que, com a internet, a mentira tornou-se quase que a língua oficial brasileira. E também com o fato de que, depois das redes sociais, idiotas de carteirinha foram alçados à condição de celebridades políticas, graças a um bombardeio de falácias. Disparam a metralhadora giratória de asneiras sem o menor pudor pela ostentação da própria burrice.

Confesso que, nos últimos tempos, perdi um pouco o senso de humor. Impossível não ficar triste ao ler as notícias. No entanto, se a alegria bater à porta ou roçar o meu corpo, insinuando-se, pode ter a certeza de que me encontrará de braços abertos. Xô, satanás! Xô, depressão!

SAÚDE / Em meio a uma rotina desgastante de agulhadas e espera, pacientes constroem memórias e amizades nas sessões em hospitais. Conheça histórias como a de Alysson Juan, de 45 anos, que recebeu um rim doado pelo próprio pai

Hemodiálise ajuda a salvar vidas

» BRUNA PAUXIS
» LETÍCIA MOUHAMAD

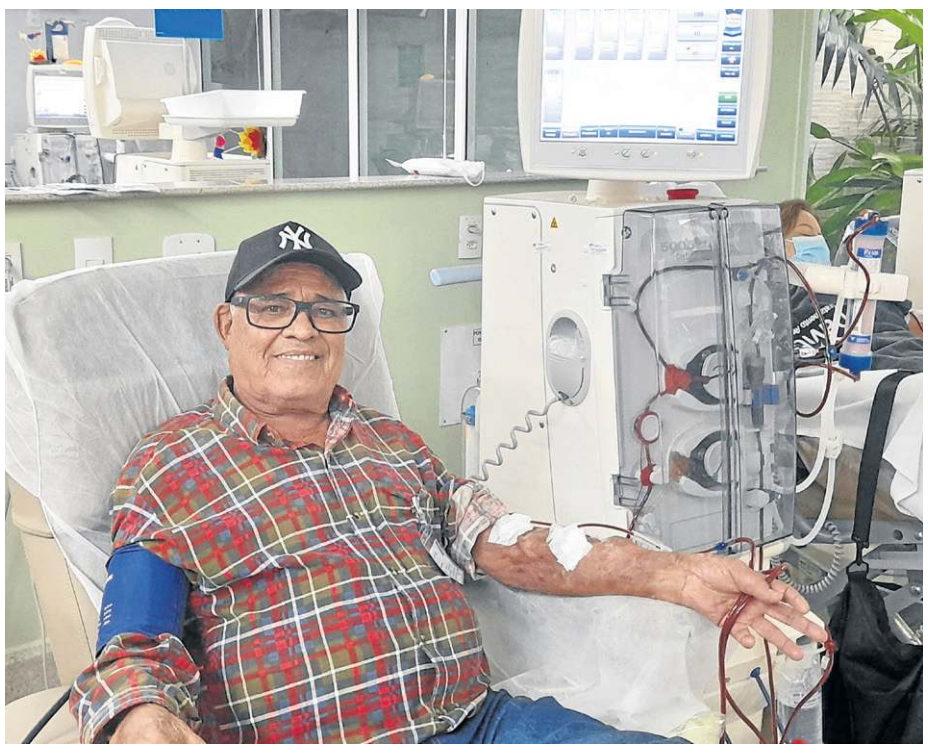
Cedida ao Correio

Alysson Juan recebeu o rim do pai, Arivaldo Pereira

Letícia Mouhamad

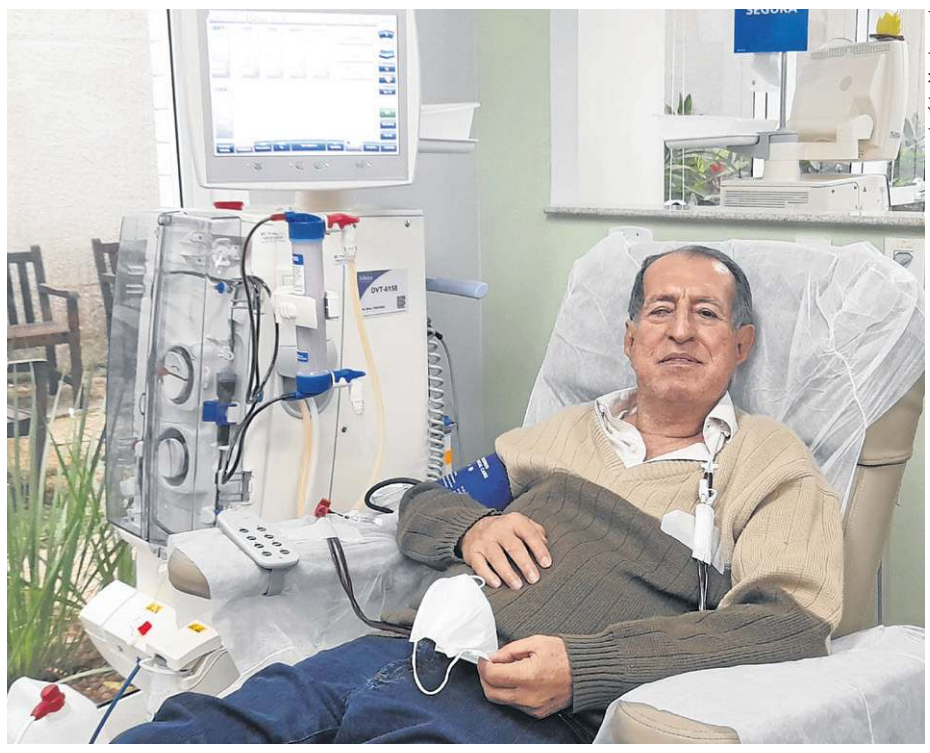
Alessandra Alves é nefrologista da clínica DaVita

Letícia Mouhamad



Humberto de Alencar, 74 anos, está na fila para transplante

Letícia Mouhamad



Hélio Oliveira, de 87 anos, faz hemodiálise há 10 anos

"É muito cansativo ir e vir. Chego em casa exausto. A gente vai sofrendo, mas segue em frente", desabafa Hélio Oliveira, de 87 anos, que há uma década faz hemodiálise. No Distrito Federal, o tratamento é oferecido tanto na rede pública quanto na suplementar, com opções hospitalares e ambulatoriais. Esse procedimento, que consiste na filtragem artificial do sangue, é um dos métodos indicados para transtornos que afetam a função renal, ao lado do transplante. No primeiro semestre de 2025, a capital atingiu a marca de 452 cirurgias de rins transplantados.

Hélio, devido à idade avançada e a outras complicações de saúde, não é apto para a cirurgia. Por isso, ele acumula mais de cinco mil horas de hemodiálise em sua jornada como paciente renal. "Quando o médico recomendou a hemodiálise, no início, eu não queria de jeito algum. Na época, meus rins funcionavam com apenas 10% da capacidade total, e eu sofria de anemia, passava muito mal. A ideia de vir todo dia ficar ligado a uma máquina era terrível, mas a gente tem que dançar conforme o embalo da vida", relembra o aposentado, que se habituou ao tratamento. "Já me acostumei, conto com muito apoio da minha esposa, que me ajuda quando estou com dores. Apesar de tudo, estou bem. A gente se acostuma e se torna rotina: as agulhadas, a dor e o tempo aqui", pondera.

Assim como Hélio, Humberto de Alencar, 74, vai à clínica há sete anos para fazer hemodiálise. "Fiz o tratamento durante um ano e meio e depois recebi um transplante. Meu irmão foi o doador. O rim durou nove anos, mas meu corpo rejeitou. Aí voltei para a hemodiálise", relata Humberto, que está novamente na fila do transplante. O aposentado chegou a ser chamado para receber o órgão, mas estava em tratamento com um medicamento anticoagulante e não pôde realizar o procedimento.

Humberto vai à clínica de segunda a sábado e, para ele, as agulhadas diárias se tornaram comuns. "Virou minha rotina, não tenho mais problema com isso", conta ele, que tenta encarar o tratamento com positividade. "Não vejo a hemodiálise como algo ruim, afinal, é o que me mantém vivo. Se eu parar, em uma semana estou morto. Tem gente que abandona, fica revoltado. Mas é o que filtra o sangue, faz o papel dos rins, é o que nos mantém funcionando", reflete. Ele conta que, com o tempo, fez amizades no local. "Conheço todos aqui, porque os vejo diariamente. Vir faz parte do meu dia e tento aproveitar da melhor forma o resto das horas", finaliza.

Novas perspectivas

A nefrologista Alessandra Alves explica que a hemodiálise substitui a função dos rins saudáveis quando, por algum motivo, eles falham. "O paciente, por meio de um cateter ou uma fístula — que são acessos —, tem o sangue transportado e filtrado pela máquina. Ela remove impurezas, como toxinas, e devolve o sangue limpo ao corpo. O tempo de tratamento varia de acordo com o paciente. Em alguns casos, os rins voltam a trabalhar normalmente; em outros, não", detalha a especialista. A médica afirma que a falência renal pode ter diversas causas, sendo as principais o diabetes e a pressão alta. "Minha paciente mais nova tem 26 anos e meu mais velho tem 99 anos. Não há idade para ter problemas renais. Assim como pode ser causado por doenças crônicas, ultimamente temos tido muitos casos decorrentes do uso indiscriminado de medicações, como anti-inflamatórios", alerta.

Ela, que se alegra com cada recuperação e sofre cada perda de paciente, tenta tornar os dias na clínica mais agradáveis para quem está em tratamento. "Muitos pacientes são idosos. Alguns são mais reclusos em casa e, vindo para a hemodiálise, interagem, fazem amizades. Por isso, tentamos tornar o ambiente o mais acolhedor possível, para que o tempo passado aqui não seja tão desgastante", conta Alessandra, que atua na Clínica DaVita, especializada em tratamento de diálise.

Transplante

Alysson Juan, 45, tem, em si, uma parte de seu pai, Arivaldo Pereira, 70. Em 2023, após um ano e meio de hemodiálise, com a perda da função de seu único rim, a necessidade do transplante tornou-se evidente. "Toda minha família se comprometeu a fazer exames para identificar quem seria o doador. Todos queriam ajudar, com muito amor e carinho, iria ajudar, iria fazer. Nos exames identificaram meu pai como compatível", lembra o aposentado, que irá completar, em setembro, um ano com seu novo rim e está se adaptando bem.

Para Alysson, o pai lhe deu a vida duas vezes. "Eu nasci duas vezes. Todo dia, quando acordo, agradeço por estar vivo, por ter minha minha esposa e meu filho ao lado. Tudo isso graças a meu pai, que doou um pedaço dele para que eu possa estar aqui", conta.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: *cidades.df@dabr.com.br*

Sepultamentos realizados em 4 de agosto de 2025

» Campo da Esperança

Avianildo Rodrigues, 78 anos
Bernarda de Ovelar, 87 anos
Eli Oscar Vieira, 64 anos
Geraldo Concalves Borges, 91 anos
Guy Marie de Castro Brandão, 96 anos
Irene Carlos Elias, 91 anos
Jair de Jesus, 83 anos
Luiz Ferrúcio Duarte Sampaio, 85 anos
Obedia Dantas de Morais, 87 anos
Rômulo Ferreira da Silva Vieira, 54 anos
Waldemir Nonato de Lima, 83 anos

» Taguatinga

Fernando Assunção Rodrigues, 62 anos
Jurandys Salvino Dias, 63 anos
Teresinha Maria da Silva, 84 anos
Zulmira de Souza Neto, 64 anos

» Gama

José Afonso Martins Lisboa, 75 anos
José Vieira de Deus, 83 anos
Maria Conceição Sira, 72 anos
Rosivaldo da Silva Alves, 70 anos
Valdice Borges de Almeida, 60 anos

» Planaltina

João Benedito Elias, 75 anos
José Ane Elias Silva, 53 anos

» Sobradinho

Ana das Dores Feitosa, 88 anos

» Jardim Metropolitano

Raimundo Nonato Sobrinho, 85 anos
Cosme Fernandes Sobrinho, 61 anos
Marcílio Patrocínio da Silva, 49 anos
Andreia Christina de Melo Pereira, 54 anos
Heli da Paixão Moreira, 81 anos (cremação)
Maria das Graças de Oliveira Rodrigues, 80 anos (cremação)